
O Estudo das Relações Contemporâneas entre a Sociedade Cabo-Verdiana da Diáspora e Cabo Verde: Considerações Teóricas e Empíricas¹

Iolanda Évora²

Diáspora cabo-verdiana e origem: elementos em análise

Os encontros entre diáspora e origem não se limitam à memória sentimental, à transferência de fundos ou aos projectos clássicos de construção de casas e aquisição de bens em Cabo Verde, um património apontado como indicador-chave da relação tradicional na qual a influência e as doações do emigrante são esperadas e bem-vindas. Estes encontros servem igualmente ao estabelecimento de reciprocidades, compromissos e obrigações no que se refere quer a outros resultados da emigração (a deportação), à participação política dos emigrantes ou, ainda, às definições da migração e diáspora cabo-verdiana geralmente admitidas e assumidas. Estes contactos decorrem num contexto em que o arquipélago é destino de outros viajantes, os novos imigrantes, com os quais são estabelecidas relações que remetem à própria memória nacional dos cabo-verdianos como emigrantes após mais de um século de migração. Além disso, tal como outros países em África, actualmente as atenções oficiais incidem sobre a figura do emigrante como agente potencial do desenvolvimento (Bakewell 2008), num tempo em que a ajuda ao desenvolvimento recua significativamente e aumentam as expectativas de transformação das poupanças dos emigrantes em investimento nacional.

Essas dinâmicas, discutidas nas suas formas de regulação social, problematizam a centralidade atribuída a Cabo Verde como lugar de origem criador e difusor

das atribuições identitárias mais distintivas e marcantes do *ser cabo-verdiano* e como lugar por excelência dos investimentos materiais e simbólicos do emigrante. Apoiando-se tudo isto na noção de que, numa sociedade diaspórica os principais produtos, signos e símbolos, são criados no exterior e assumidos e consumidos por todos os lugares, entre eles o lugar de origem (Schnapper 2006).

Neste caso, o interesse de análise recai sobre práticas através das quais se procura posicionar melhor os grupos da diáspora e do arquipélago; assegurar os critérios objectivos de caboverdianidade e nacionalidade, assim como verificar as intenções subjectivas e posições objectivas dos postulantes que devem produzir boas disposições relativamente a Cabo Verde. Com a análise dessas dinâmicas discute-se sobre os processos de formação de uma comunidade cabo-verdiana que inclui diáspora e origem, com o foco dirigido, especificamente, às formas de participação do arquipélago. O argumento central é que as dinâmicas entre os actores precisam ser úteis aos interesses dos agentes colocados cá e lá, e actualmente, cada vez mais, na medida em que a distância social e geográfica coloca questões de autenticidade e representação. No entanto, a partir do exame das práticas transnacionais é possível alcançar os padrões de identificação que indicam os sentidos dos contornos da comunidade imaginada (Lainer-Vos 2010) que inclui diáspora e origem.

Os estudos das diásporas em geral têm dedicado pouca atenção às dinâmicas internas de mudança (Bakewell 2008; Bakewell e Haas 2007), apesar da necessidade crescente de reconhecer e compreender as transformações que sofrem as percepções e expectativas internas depositadas na emigração por parte de quem fica. A constatação de divergências de opiniões e posições acerca da contribuição e participação dos emigrantes na vida social, política e económica (Évora 2012) amplia a relevância que deve ser atribuída às adesões internas dos cabo-verdianos a outros fatos sociais, culturais e políticos que concorrem para a formação da sociedade cabo-verdiana contemporânea de forma diversa da emigração. Estes fatos devem ser considerados em paralelo com as novas formas de influência da emigração nas diferentes esferas da vida social do arquipélago e deste nos demais pólos que constituem a sociedade diaspórica cabo-verdiana.

Uma perspectiva crítica na leitura destes factos refere-se à compreensão de:

i) processos de reprodução material e simbólica dos grupos mais atingidos pela emigração que se fixam no exterior;

ii) diferentes posições dos grupos face à migração cabo-verdiana e da produção das hierarquias de poder no espaço diaspórico poli-centrado resultante das lutas simbólicas pelo tipo de capital que é produzido no campo das migrações cabo-verdianas;

iii) formas de cidadania permitidas aos emigrantes e imigrantes, o grau de tutela à sua participação institucional e política no arquipélago e as formas de intervenção oficial de Cabo Verde na vida das comunidades. Com base na crescente linha de estudos focados em micro-realidades, na prática, a abordagem ao tema

deve documentar e avaliar processos e medidas institucionais, sociais e culturais destinadas ao emigrante, realçando as contradições entre um discurso que proclama a sua cidadania mas reforça o seu estatuto de emigrante; analisar os diferentes níveis em que os elementos identitários essenciais são actualizados como produtos da comunidade diaspórica e o papel de Cabo Verde neste processo; analisar os efeitos de novas experiências migratórias e as diferentes apropriações do termo diáspora; e tomar como indicadores relevantes, as modalidades de interpretação dos residentes face aos emigrantes, as novas emigrações e os novos imigrantes em Cabo Verde.

Os caminhos da pesquisa

A análise do espaço de origem e sua contribuição na construção de formas partilhadas no mundo da migração – que inclui o espaço transnacional e o das comunidades em outras localizações geográficas – remete à forma como as noções de migração e diáspora vêm sendo aprofundadas pelas ciências sociais e da migração. Todavia, no mundo da pesquisa sobre a migração, o mesmo tratamento não é reservado ao lugar de origem pois, este não recebe o estatuto de um objecto sobre o qual se procura uma base sociológica mais sólida (Loc e Barou 2012). No entanto, as relações actuais entre diáspora e lugar de origem trazem a discussão teórica a pertinência do desenvolvimento de uma definição conceptual de forma empiricamente mais relevante, confrontando-a com os conceitos utilizados no campo mais amplo dos trabalhos sobre migrações internacionais e diásporas.

De igual modo, as análises sobre a inscrição das práticas no lugar de origem na trajectória de vida presente dos migrantes precisam esclarecer se se mantêm o transnacionalismo e a diáspora somente como categorias académicas, ou se também fazem sentido para os migrantes. Assim sendo, também devem propor a busca de conceituação em torno do lugar de origem, como forma de ultrapassar as atribuições meramente sentimentais, nacionalistas e culturais clássicas e explorar as possibilidades de formulação de uma categoria académica capaz de contribuir para a elucidação dos encontros que, em conjunto, constituem o espaço público transnacional ou diaspórico actual.

A discussão coloca-se então, em termos que pretendem ultrapassar uma problemática muito ampla do diaspórico, que não traz nada de novo àquilo que é observado a propósito das migrações internacionais, dada a polémica instalada em torno do uso demasiado amplo da noção de diáspora³. Do mesmo modo, deve-se evitar encerrar numa problemática demasiado estreita, que faz da abordagem transnacional um sector delimitado da pesquisa sobre as migrações, para influenciar sobre a sua compreensão global. A questão crucial é a de saber como se articula a passagem de um modo de relação fundada na proximidade física, a um modo de relação, igualmente íntima, e que ainda assim se desenvolveria, de forma durável, fora de qualquer co-presença, não apenas evocada pela memória partilhada, mas actualizada por práticas que colocam em contacto, permanentemente, comunidades

presentes e ausentes. Estas questões são tratadas seguidamente neste trabalho, tendo em vista as realidades da migração, nomeadamente sobre deportados, participação política dos emigrantes, concepções sobre a diáspora e percepções sobre imigrantes, vividas em Cabo Verde e protagonizadas pelos cabo-verdianos não-migrantes.

No caso aqui abordado, considera-se que os estudiosos da sociedade e das migrações cabo-verdianas devem passar a reflectir a partir de evidências actuais, como as que referimos a título ilustrativo: as passagens do status de não-migrante para migrante que não se sucedem da mesma forma em todas as biografias; as formas de adesão à migração que descrevem o mundo diverso das novas gerações e suas expectativas relativamente à mobilidade; a migração e a criação do estado-nação que disputam o lugar de evento fundador da nação; o crescimento, em Cabo Verde, dos defensores dos argumentos sobre o protagonismo daqueles que permaneceram no arquipélago, em contraste com os emigrantes, outrora os heróis sacrificados pela saga migratória; a organização da autoridade significativamente transferida para o Estado.

Diáspora e origem: relações complexas em contexto cabo-verdiano

A distância social e geográfica que separa as comunidades em Cabo Verde, das comunidades da diáspora, tem inspirado análises tradicionais preocupadas com a definição do lugar de pertença actual da diáspora, com o tipo de provas que os emigrantes devem exhibir para confirmarem as suas disposições e obrigações relativamente ao arquipélago e com as formas da sua adesão à ordem social e política de Cabo Verde. Esta orientação segue as tendências actuais dos estudos da migração (Cohen 1996; Tölöyan 1996; Schiller 1997; Tarrius 2001) e verifica-se que mesmo após longo tempo de história da migração cabo-verdiana, o destaque é atribuído às ligações com a origem, muito mais do que à influência dos processos de enraizamento e adesão dos emigrantes a outras redes nas sociedades em que vivem.

No campo teórico, a atenção que as ciências sociais têm dirigido à categoria diáspora é importante porque, somente através desta é que apresentam e discutem o tema da origem sem que a este seja atribuído o tratamento científico ou uma precisão conceptual a partir da noção original. O interesse dirige-se, essencialmente, quer às ligações da diáspora com um lugar primordial, quer às práticas que são orientadas ou têm reflexo no lugar de origem (Loch e Barou 2012). Em menor escala, muito recentemente, os trabalhos começam a mostrar uma exploração mais sistematizada dos movimentos dos vários grupos a partir da origem⁴. A perspectiva dominante nas ciências sociais coloca a ênfase na imigração e nas preocupações das sociedades ricas industrializadas para com as novas populações (pobres) presentes no seu território. Deste modo, tem aprofundado sobre aspectos da relação da diáspora com a origem que evidenciam mudanças nas preocupações originais das sociedades de destino com aos processos de instalação e os problemas de adaptação, inserção, assimilação ou de integração. Ao mesmo

tempo, a preocupação recai sobre os processos de evolução individual ou que se articulam às diversas filosofias do multiculturalismo e às teorias sobre raça e etnicidade que o conceito promete substituir⁵. Apesar da crescente literatura relativa às realidades de migração que não incluem as mobilidades em direcção às sociedades ricas ocidentalizadas, as relações entre migração, transnacionalismo e diáspora tendem a ser exploradas com particular foco nas consequências das práticas transnacionais para os processos de integração, ignorando-se, novamente, os reflexos de tais práticas no espaço de origem (Lainer-Vos 2010; Loch e Barou 2012). Além destes aspectos, as análises centradas na presença nas sociedades de residência, também contribuem para encobrir os modos de participação dos imigrados na vida das suas sociedades originais, mesmo perante as evidências de que, em muitos casos, essa participação mantém-se e pode ultrapassar a barreira das gerações, ou mesmo, religar as diversas comunidades expatriadas umas às outras, através de uma referência comum à terra ancestral (Loch e Barou 2012).

As comunidades no arquipélago, ainda aguardam atenção mais sistematizada dos analistas no que se refere aos reflexos que as mudanças na organização social, económica e política, têm nas ligações das pessoas e comunidades com a migração e a diáspora. As adesões internas que não estão associadas à migração, concorrem para a configuração das identidades, obrigações, oposições e orientações relativamente à migração e aos emigrantes tal como a mudança exigida a estes nas sociedades de destino, exaustivamente abordadas pelas ciências sociais da migração. Em síntese, confrontado com novas experiências e obrigações constituídas por causa das dinâmicas internas em Cabo Verde, qualquer protagonista (Strauss 1999) descobre novos sentidos e ordenamentos (Strauss 1999) em sua carreira ligada à migração, contestando, assim, a forma socialmente padronizada com que a influência da migração é apresentada em Cabo Verde. A par das transformações nas sociedades de destino, as novas posições que são experimentadas no arquipélago, contrariam um quadro relativamente estático e não-histórico que simplifica excessivamente as relações entre as pessoas envolvidas no processo migratório e as atribuições, obrigações e expectativas entre a diáspora e a origem. A orientação das ciências sociais deve trazer possibilidades de teorizar sobre as relações mais significativas que reconhecemos existir entre membros das comunidades (dentro e fora), de modo a auxiliar uma formulação mais complexa dessas relações (Strauss 1999) e mostrar que o argumento das necessidades materiais na origem é um modelo simples demais, por conseguinte, com uma utilidade restrita no estudo da sociedade cabo-verdiana moderna.

Neste trabalho procuramos dar conta dessas preocupações a partir do exame de práticas que ultrapassam as trocas relativas às remessas, ou as transferências de fundos e bens, em geral, o principal argumento das relações e ligações. Na actualidade, o retorno dos deportados, a presença de imigrantes e as formas de participação política permitidas aos emigrantes são indicadores significativos do alcance das relações e

do potencial de conflito e tensão que podem instalar-se entre segmentos sociais representados em Cabo Verde e na diáspora. Ou seja, as perspectivas diferenciadas do papel e das responsabilidades das comunidades, perante novos elementos da migração e seus resultados, dizem muito a respeito das expectativas colocadas nos papéis que devem ser assumidos por uns e outros. Além disso, dão conta do grau de adesão de Cabo Verde à comunidade supranacional, os custos e responsabilidades que internamente se admite assumir e repartir, relativamente à emigração, bem como a importância dos mecanismos de regulação social e redefinição das obrigações mútuas impostas às comunidades cá e lá.

Caso sejam tomados em conjunto, os aspectos da mudança favorecem o exame mais próximo dos encontros entre as comunidades de origem e da diáspora, esclarecendo sobre as tensões, discordâncias e acordos presentes nas relações actuais entre os grupos envolvidos e, por conseguinte, servindo como um prisma através do qual se compreende melhor a comunidade actual no seu todo. Esta não se esgota, portanto, nos limites de pertença tal como definidos para uma sociedade diaspórica (Cohen 2008; Schnapper 2006), ao contrário, a sua descrição deve sustentar-se na análise das articulações significativas entre biografias e processos sociais (Strauss 1999), de modo a interrogar a experiência dos cabo-verdianos entre as diversas alternativas de existência permitidas no arquipélago, por conseguinte, explorando para além do inescapável destino de viver para a migração.

Temas e abordagens actuais a partir de Cabo Verde

No campo dos estudos da migração e diáspora actuais, são tratados temas como: o comportamento dos fluxos (diminuição e alterações nas políticas de imigração dos países de destino), a relação entre conhecimento das condições de vida no exterior e o desejo de partir (Akesson 2009); aspectos culturais e simbólicos que são retomados nos contextos de emigração dos cabo-verdianos e constituem o factor de ligação dos grupos dispersos (Malheiros 2001; Hoffman 2007); ou, ainda, os resultados das influências das estadias dos emigrantes noutras paragens, em termos de bens materiais e culturais transmitidos (Akesson 2009).

O interesse a partir do arquipélago recai nas razões do declínio da emigração e nos factores que vinculam o desejo de emigrar às questões económicas (como o desemprego) e também ao apoio da rede familiar a partir do exterior. Carling (2002) refere-se à estreita vinculação entre a percepção que os cabo-verdianos têm do seu país e as explicações de carácter cultural que sustentam o seu desejo de emigrar. Propõe uma análise separada da aspiração e da habilidade para migrar, indicando factores (como as relações interpessoais) que interferem e dificultam a percepção das causas das dificuldades em emigrar (Carling 2002).

Em síntese, nos estudos realizados e que mantêm o foco nas dinâmicas do lugar de origem, destacam-se os aspectos das relações interpessoais que se somam aos constrangimentos materiais e que explicam como as redes interpessoais podem

facilitar ou impedir as acções individuais orientadas para a emigração (Akesson 2005; Carling 2002; Évora 2007; Giuffrei 2006; Trajano Filho 2005). Por exemplo, Akesson (2005) analisa os mecanismos de reprodução da tradição da migração, apesar do conhecimento dos cabo-verdianos acerca das mudanças nas políticas dos países de acolhimento e do aumento da sua consciência crítica sobre a vida no estrangeiro. A autora examina as relações entre as condições sociais, os processos de identificação e as experiências da ‘transnacionalidade da pátria’, em oposição ao suporte oferecido pela cultura da migração cabo-verdiana. A partir da perspectiva cultural, procura mostrar que tais factores, em conjunto, criam uma dinâmica social e cultural que se articula com o desejo de trocar a terra natal mantendo o penetrante sonho de uma vida melhor fora do arquipélago (Akesson 2005). No campo das relações com a diáspora a partir de Cabo Verde, discutimos as razões colectivas que estão por detrás das escolhas dos grupos acerca dos membros que devem emigrar ou permanecer no país (Évora 2004). Neste caso, encarregando-se os que ficam, da reprodução do capital social, material ou simbólico, obtido pelos membros que se encontram no exterior. Por outro lado, nos estudos realizados por Carling (2002; 2004), são explicadas as influências de um meio de emigração nas decisões de migrar de pessoas, tomando o exemplo da pressão social sobre pessoas que não demonstram o desejo de partir mas cuja emigração (contrato de trabalho, visto de entrada) é realizada pelos que já se encontram no exterior.

A produção neste campo mostra que muito resta ainda por aprofundar sobre uma sociedade de origem – diversificada e em mudança –, que participou, em vários estágios, na criação da sociedade diaspórica e das suas dinâmicas sociais. Ou seja, seguindo a perspectiva de Schnapper (2008), cabe aprofundar sobre o papel do arquipélago na sociedade diaspórica através da sua realocização no contexto diaspórico cabo-verdiano. A propósito de sociedades marcadas pela mobilidade, a autora tem desenvolvido o argumento de que a sociedade de origem se encontra na própria definição de diáspora, tornando-se assim noção dominante para o conjunto social quando: os principais produtos comuns sejam criados no exterior; com o fim dos nacionalismos; e se identificarmos símbolos e signos criados *entre lugares* e que afectam toda a sociedade diaspórica, incluindo a sociedade nacional (Schnapper 2008). Na forma proposta pelos temas do projecto, a investigação a partir de dentro, debruça-se sobre pessoas sujeitas à influência de múltiplas fontes de identificação e de *habitats de significação*, ao explorar os processos de identificação de ‘quem é importante no mundo de quem’ (Strauss 1999:139). Da mesma forma, também historiciza as identidades ligadas à migração admitindo que, para diferentes gerações, multiplicam-se os tipos de ‘outros importantes’ (Strauss 1999:139) que não apenas os emigrantes.

Não se trata portanto, de descartar o estudo da diáspora, ao contrário, como refere Lainer-Vos (2010) é necessário seguir as controvérsias em relação à diáspora pois, de cada vez que esta é abordada, abre-se como que a ‘caixa-negra’ que expõe a

terra de origem, e permite aos estudiosos perscrutar no interior dos mecanismos da sua constituição. Lainer-Vos (2010) conclui que a questão aqui não é metafórica mas empírica; sempre que um membro da diáspora declara a sua condição de membro desta ou daquela comunidade nacional, alguns outros actores dão um passo em frente e contestam essa declaração. Seguir as estratégias que actores utilizam para apoiar as suas reivindicações ou refutar as dos outros, conforme o autor, oferece uma vantagem única de análise.

As ciências sociais fornecem as ferramentas que permitem compreender como a noção de diáspora promete contemplar e esvaziar vários problemas políticos e de análise das mobilidades contemporâneas e seus resultados, quando diáspora e origem são tomadas como entidades delimitadas e definidas pela lente dos nacionalismos e sob a óptica dos estados-nação (Schnapper 2001). No entanto, a migração interessa muito mais como realidade prática que envolve os indivíduos nas suas missões corriqueiras, nas práticas sociais e nas maneiras e habilidades de vivê-la como parte integrante do seu mundo. Estas dimensões são exploradas, por exemplo, pelo exame das apropriações ao termo *diáspora* protagonizadas pelos segmentos e grupos sociais, e pelas significações e qualidades que lhe são apontadas como descritor contemporâneo da migração cabo-verdiana (Évora 2010). Neste caso, evidencia-se que o modelo mais tradicional da migração não permite alcançar os resultados das exposições diferenciadas dos indivíduos à migração, ou sobre as formas de reprodução das diferenças dos segmentos sociais entre si com base na sua representação na comunidade da migração. Como sublinha Meintel (2002) a propósito das diferentes etapas do processo migratório cabo-verdiano, também as participações dos segmentos sociais ainda precisam de ser estudadas pois que, em cada etapa e para cada destino de emigração, as comunidades não se plasmam da mesma forma e, como resultado, os reflexos da migração são vividos de forma particular por cada grupo social envolvido.

Os sistemas de relações e os modos de interacção que constituem um dos objectos de pesquisa privilegiados da análise das sociedades contemporâneas revelam-se particularmente ricos de serem observados nas situações migratórias. Para compreender o modo como o lugar de origem participa no espaço transnacional cabo-verdiano actual para além das repercussões internas da diáspora, é necessário, em primeiro lugar, considerar tal participação como parte da complexização do processo migratório cabo-verdiano e da vida social em Cabo Verde⁶. A análise a partir de dentro ainda deve aprofundar sobre o carácter heterogéneo crescente da migração cabo-verdiana actual, verificar as formas de participação diferenciada de grupos e classes sociais cujas distinções são claramente indicadas na origem e os mecanismos de reprodução de tais diferenciações nas sociedades de destino. Neste sentido, a propósito da ilha da Brava, Meintel (2002) indicava que, inicialmente, a migração para os Estados Unidos da América mobilizava os camponeses pobres e sem alternativas futuras na ilha, enquanto os segmentos mais favorecidos atribuíam fracas qualidades ao lugar de destino de emigração e apenas posteriormente

integram os fluxos para a América. Por outro lado, em relação à migração cabo-verdiana em geral, num segundo período das migrações modernas, a classe social mais favorecida (ligada à administração colonial) escolhe Portugal como destino de emigração, marcando o perfil inicial da experiência migratória na antiga metrópole. No entanto, cada vez menos comunidades em Cabo Verde mantêm a predominância em relação a um único destino⁷, e a diversidade de lugares de origem marca o perfil da comunidade cabo-verdiana em destinos como Portugal ou os Estados Unidos da América.

A análise da forma actual da participação do arquipélago na comunidade cabo-verdiana estendida, inclui vários ângulos e abordagens que as ciências sociais e da migração devem contemplar, buscando as conexões das experiências pessoais com a de todos os cabo-verdianos e a descrição teórica e empiricamente fundamentada, dos encontros entre diáspora e origem na contemporaneidade.

Outros encontros e engagements: novas possibilidades de análise

O estudo da diáspora como uma relação prática com a origem significa a interrogação à miríade das acções nas quais os membros das comunidades da diáspora se engajam e, ao mesmo tempo, a análise das práticas desenvolvidas em Cabo Verde que descrevem o envolvimento recíproco das comunidades, permite explorar as noções de lugar de origem e diáspora na forma como são produzidas, negociadas e contestadas.

Num nível mais amplo, as transferências de fundos e de bens mantêm-se como a principal manifestação da actividade migratória tradicional ou transnacional dos migrantes (Akesson 2009; Évora 2012), ao contrário da avaliação, ainda incipiente, da forma como Cabo Verde procura recolocar-se perante os emigrantes quando estes consolidam as suas presenças noutros contextos e lugares e o país transforma-se em lugar de imigração. Ao longo do tempo, o país construiu novas expectativas em relação à sua emigração e, além de remessas e investimentos, de forma crescente parece ir buscar legitimidade política e histórica nas comunidades dispersas. A par deste aspecto, coloca-se o desafio de abordar Cabo Verde e a sua 'cultura de circulação' e preencher o vazio etnográfico e teórico sobre esta matéria que se apresenta plena de complexidade pela grande movimentação dos cabo-verdianos. De fato compreender esta migração é compreender a cultura cabo-verdiana, não para mostrar como as raízes se reflectem na sua produção mas muito mais, para conhecer os reflexos das produções do exterior na produção local e a forma como esta, por sua vez, se recoloca perante as comunidades.

Tais aspectos podem ser explorados em pesquisa que se debruça sobre os discursos sobre migração e diáspora a circular em Cabo Verde, procura verificar o valor analítico dos termos (migração e diáspora) e perceber a presença de um discurso hegemónico, os consensos, diversidades e heterogeneidades a respeito. Nesta abordagem, procura-se apreender os diferentes posicionamentos dos intervenientes (políticos, líderes de

associações de emigrantes, académicos, produtores culturais e segmentos populares) e verificar se existe uma hierarquia de posições neste campo. De acordo com tal hierarquia, será possível discutir sobre o capital simbólico em disputa no campo da migração cabo-verdiana e problematizar e desmistificar alguns dos atributos que marcam a identidade do migrante cabo-verdiano, tais como a importância e significado da *Morabeza* (encarada na auto-imagem cabo-verdiana como expressão de uma cordialidade intensa e típica do cabo-verdiano) e da *caboverdeneidade* para os que se movem no espaço diaspórico, incluindo o lugar de origem.

Outro campo importante de investigação diz respeito aos níveis de participação, de mobilização e de informação política dos imigrantes cabo-verdianos em relação a Cabo Verde e inclui a análise das expectativas que as forças políticas têm em relação à participação dos emigrantes, as formas de mobilização junto às comunidades e os processos e medidas institucionais que estabelecem a participação na vida política do arquipélago. A análise recai sobre aspectos como: a participação eleitoral, o conhecimento, a confiança e a imagem em relação aos actores e às instituições sociopolíticas e o grau de associativismo e *cultura cívica* dos emigrantes. Desta forma, é possível compreender as discrepâncias entre o grau de informação e a intensidade das opiniões que os cabo-verdianos emigrantes revelam em relação aos assuntos que marcam a agenda política em Cabo Verde, em contraposição com os níveis baixos de participação e de mobilização em relação a Cabo Verde.

A abordagem empírica interessada na participação das comunidades do arquipélago na conformação da situação migratória cabo-verdiana actual deve considerar as representações dos não-migrantes a propósito dos novos imigrantes e os retornados de origem cabo-verdiana como é o caso dos jovens deportados de países como Estados Unidos de América ou da Europa, portanto, expulsos do seio das comunidades cabo-verdianas emigradas nesses países. No contexto social das ilhas, ganham relevância as formas de reorganização ensaiadas por esses jovens e seus grupos que, em geral, em Cabo Verde, costumam ser associados a comportamentos delinquentes. No entanto, em grande parte dos casos, os jovens aproximam-se de situações de exclusão, tal como antes, mas desta vez, num contexto estranho, muitas vezes conhecido apenas através de *estórias* contadas pelos pais. Um elemento importante de análise diz respeito às formas pelas quais são formuladas associações e correspondências entre o *modus vivendi* dos jovens marginalizados nascidos e socializados nas ilhas e o dos jovens excluídos dos bairros periféricos dos Estados Unidos de América.

A pesquisa sobre as representações dos não-migrantes em Cabo Verde inclui, ainda, as percepções construídas acerca dos imigrantes e as categorizações em que essas estão assentes. Esta abordagem é importante para se compreender os processos pelos quais comunidades familiarizadas com a sua própria emigração constroem argumentos e procuram justificar as formas de relações e interações que estabelecem com os imigrantes, bem como o lugar que a estes é destinado no contexto social

cabo-verdiano em geral e de cada ilha. Quer dizer que, uma investigação do género permite avaliar o modo como as experiências dos cabo-verdianos como emigrantes no exterior têm reflexões nas percepções e concepções internas sobre a migração e os imigrantes. A forma como os imigrantes e ex-emigrantes são percebidos pela sociedade poderá gerar situações de exclusão e de marginalização social, coabitação com pouca proximidade ou a inclusão social. O grau de assimilação e tolerância para com a presença de outrem e a forma como esta realidade é compreendida são esclarecedoras de que as questões de pertença também se colocam aos grupos no país, e uma forma de explorar as suas concepções será através da análise das percepções sobre a imigração em Cabo Verde. A perspectiva diz muito sobre a forma como a experiência de emigrantes/imigrantes ausentes tem sido interiorizada pelos que ficam em Cabo Verde. Os tabus originais sobre as saídas e as ausências, o mito do retorno são examinados em Cabo Verde pela presença de imigrantes, retornados e deportados.

Em síntese, a pesquisa empírica em torno do tema considera que, deste modo, são abordadas as práticas de pertença e a forma como se constrói a percepção particular do sentido de pertença a um lugar significativamente associado a outros lugares do mundo. Por outro lado, quer a presença dos retornados-deportados, quer as formas de participação política, são indicadores úteis de que às práticas tradicionais que são compreendidas como dádiva dos emigrantes à sua *homeland*, somam-se aquelas que são definidas a partir de dentro e pretendem regular as intenções dos grupos no exterior de acordo com interesses e expectativas geradas pelos grupos em Cabo Verde.

Tais práticas, muito mais do que expressões de sentimentos pré-existentes, remetem às condições político-culturais quer do lugar de destino, quer da origem. Em outras palavras, além da expressão de sentimentos já existentes no seio da diáspora, as práticas também descrevem um processo dinâmico através do qual as posições relativamente à migração/diáspora/origem são formadas e estabelecidas. A capacidade de influenciar internamente, sobretudo nas aldeias ou lugares de origem dos emigrantes, é percebida por estes e pelos não-migrantes tornando-se um campo de tensão e desacordo em que os papéis de uns e outros devem ser constantemente negociados. Este parece ser o caso dos deportados relativamente aos quais, os familiares e as comunidades na origem devem assumir responsabilidades, ao mesmo tempo em que se alteram as exigências sobre os familiares no exterior que asseguram os custos com a estadia dos deportados (sobretudo no caso dos jovens) e compensações aos que os acolhem. Em relação à participação política, o facto de a amplitude da sua participação ser decidida em Cabo Verde⁸ é um importante indicador do tipo de disputas que se instalam neste campo e a capacidade percebida de influência que os emigrantes podem exercer nos seus locais de origem.

As controvérsias colocadas neste domínio devem ser consideradas pela pesquisa na medida em que, em geral, os grupos dentro e fora do país se opõem no que se refere a temas como a legitimidade e alcance da participação política ou o esforço

exigido à sociedade relativamente à presença dos retornados como deportados. A análise das formas de participação política é útil à compreensão da forma como esta contribui para a diversificação na tomada de decisões em questões-chave de Cabo Verde, além de contribuir para mais democracia e equilíbrio nas tomadas de decisão. Ao mesmo tempo, chama a atenção para as condições sociais e culturais que vêm permitindo, de forma crescente, a manifestação dos críticos que em Cabo Verde, questionam a capacidade e o grau do interesse revelado pelos emigrantes relativamente aos problemas do país e a sua efectiva participação e compromisso pelo fato de viverem no exterior, distantes das dificuldades do dia-a-dia da sociedade cabo-verdiana e das circunstâncias estruturais restritivas em Cabo Verde.

Procuramos sublinhar que, no âmbito dos estudos sobre as relações sociais e migrações cabo-verdianas, os encontros actuais oferecem um importante modelo heurístico para a compreensão das formas de regulação social entre os vários grupos; as expectativas recíprocas entre diáspora e origem; a natureza diversa das adesões da diáspora e da origem; os tipos de afiliação como membro da comunidade comum e seu carácter ambíguo e pouco claro; e as controvérsias sobre a pertença nacional que não se limitam à diáspora mas expressam-se também, no interior do arquipélago.

As adesões nacionais, porém, não esgotam as explicações acerca do mundo criado pela migração e nem a complexidade das relações é explicada sem um conhecimento sistemático e cada vez mais detalhado das dinâmicas dos grupos no lugar de origem. As articulações específicas que estabelecem com as diferentes comunidades e mesmo os efeitos do transnacionalismo que se fazem sentir na origem, actuam conforme cada grupo é atingido pela migração. A definição em simultâneo, da origem como uma área estratégica da pesquisa sobre a migração cabo-verdiana, e da diáspora como lugar importante de pesquisa sobre a sociedade cabo-verdiana contemporânea, exige que, ao invés de entidades delimitadas, ambas sejam tratadas como realizações práticas sempre em formação, como categorias da prática e algo a que as pessoas se referem, atribuem sentido e praticam.

Um tema dominante: diáspora, nação e estado-nação

As abordagens sobre Cabo Verde mostram que sempre que a migração cabo-verdiana é chamada à sua definição, remete ao território original do arquipélago. Por conseguinte, este consolidou-se como a construção consubstancial da explicitação da visibilidade social dos grupos, das comunidades ou de qualquer outro colectivo disperso de cabo-verdianos cujos membros podem usar um “nós” como identificador na imigração. No mesmo sentido, para qualquer emigração a partir do arquipélago, o território original torna-se condição e expressão *a priori* do lugar social que o emigrante/imigrante ocupará, estabelecendo-se como *memória*, por conseguinte, definindo-se para cada pessoa ou grupo como a marca espacial da consciência histórica do ser conjunto.

De igual modo, no campo da teorização a propósito das diásporas contemporâneas, o tema dominante refere-se às ligações destas com as nações e realidades dos estados-nação (Cohen 1996; Schnapper 2001/2006). A partir dos anos 1990, os intelectuais e estudiosos consideram que o conceito promete uma emancipação das doenças do essencialismo e, num nível analítico e político, avaliam que representa a nova era pós-nacional e as comunidades do tempo transnacional (Tölöyan 1996; Cohen 1996; Schnapper 2006). De acordo com estes autores, o conceito remete às questões do estado-nação moderno, os limites da sua supremacia e a perda de alguma soberania, factor este que marca, até à actualidade, as tensões verificadas entre algumas diásporas e governos africanos, por exemplo.

Neste quadro, as referências às experiências em África remetem, de imediato, às relações entre diáspora e narrativa nacional, aos efeitos políticos da diáspora e às tensões e desconfianças geralmente apontadas entre as classes políticas dominantes africanas e as diásporas (Bakewell 2008). A discussão situa-se entre as duas perspectivas que se opõem, a propósito do enfraquecimento dos mitos de origem ou, ao contrário, o efeito fortalecedor que diáspora e distância teriam sobre a consciência nacional. No primeiro caso, o modo como a existência de indivíduos -que escolheram livremente viver fora da sua nação-estado- parece enfraquecer os mitos autóctones de origem (os elementos nucleares da narrativa nacional) interessa aos governos africanos ainda preocupados com a formação de uma consciência nacional e interessados em reunir diferentes grupos sob a mesma dimensão simbólica nacional.

A propósito da influência das diásporas na continuidade ou enfraquecimento das narrativas nacionais Clifford (1977) sugere que a ligação contínua entre as diásporas e os países de origem vem dar mais peso e valor às críticas à hegemonia nacional opressiva. No mesmo sentido, Gilroy (1993) dirige a sua atenção à produção cultural das comunidades negras que cruzaram o Atlântico para discutir que a promessa das diásporas reside na subversão e isso afecta as categorizações essencialistas de raça e nação que, também, actuam nos lugares de origem. Os discursos actuais sobre autoctonia e cidadania em vários contextos africanos são um exemplo poderoso do modo como narrativas sobre mobilidade e migração se deslocaram recentemente para o centro do discurso político e, também, como as reivindicações sobre migrações passadas ou recentes, se transformaram em pretextos para expulsões ou contestações relativamente à cidadania. Como mostra Lainer-Vos (2010), a diáspora oferece o modelo normativo da existência fora da putativa “terra de origem” e para além dos males associados com a soberania política.

Num sentido oposto, em lugar de aceitar o papel auxiliar tipicamente descrito para a diáspora, Mishra (1996), *apud* Lainer-Vos (2010) e Anderson (1998) defendem que tal como as experiências clássicas, as realidades constituídas mais recentes confirmam que as diásporas devem ser colocadas no centro dos processos de construção da nação. Os estudiosos argumentam que as comunidades de diáspora, frequentemente, florescem e difundem mitos primordiais, e ao invés de

funcionarem como um bastião contra o essencialismo, em contexto de diáspora, a ideia de “terra de origem” torna-se em algo da fantasia da estrutura geral através da qual a sociedade se percebe a si mesma como uma entidade homogénea. Durante os anos 1990, o conceito assinalou a emergência da era pós-nacional, mas uma série de estudiosos apresentam-se, actualmente, contra as sugestões iniciais, afirmando que, de fato, os grupos da diáspora guardam tendências essencialistas. Mais ainda, os críticos apontam que os estudiosos das comunidades de diáspora frequentemente não acertam ao considerarem a heterogeneidade no interior das diásporas pois estas, ao contrário, reforçam perspectivas essencialistas (Brubaker 2005). A sociedade na diáspora necessita do mito e da ideia de terra de origem para funcionar como entidade homogénea e, igualmente proteger o mito da unidade interna, afirma Anderson (1998). O autor adverte, ainda, que a prática do nacionalismo de longa-distância -na qual, com frequência, as diásporas se engajam- deve ser compreendida nos resultados e na forma como são sentidas as acções da diáspora no lugar de origem como, por exemplo, quando as práticas nacionalistas no exterior são acompanhadas por engajamentos correspondentes no interior do país e o apoio a lutas violentas. Enquanto os estudiosos anteriores acreditavam que a posição ambígua e distanciada das comunidades da diáspora predispõem-nas a servir como os arautos da era pós-nação, Mishra (1996), apud Lainer-Vos (2010) ou Anderson (1998) mostram como esta própria distância é a condição da consciência nacional e como tal, motiva os membros diaspóricos a imaginar a nação como homogénea⁹.

Por um lado, tais dinâmicas esclarecem sobre aquilo que permite Cabo Verde, nação de emigração, de ser percebido como uma entidade homogénea, e ao mesmo tempo, sobre quais são as concepções genuinamente pós-nacionais de cidadania, direitos e identidades que emergem no interior do arquipélago. No entanto, referem-se, sobretudo, à perspectiva da diáspora em relação ao lugar de origem, poucas vezes articulando-as com leituras dos pontos de vista de protagonistas em Cabo Verde sobre o grau de homogeneidade ou heterogeneidade da sociedade cabo-verdiana ou as suas percepções e interpretações acerca da nação ou do pós-nacionalismo. Ou seja, as mesmas interrogações dirigidas à diáspora devem ser colocadas no interior, não porque comunidades da diáspora ou da origem se confundem, mas por serem esclarecedoras das posições assumidas pelos diversos segmentos sociais. Neste caso, as divisões não opõem apenas emigrantes e não-imigrantes, mas acontecem em vários níveis, incluindo aqueles em que os grupos partilham com grupos na diáspora as mesmas concepções sobre nação e estado-nação sobre temas em que contestam outros grupos no país. Quer isto dizer que, a clareza e intensidade das disputas entre nacional/original/diaspórico, explicam o lugar relevante dos encontros na compreensão da constituição da pertença origem/diáspora. Segundo Lainer-Vos (2010), diversas práticas desenvolvidas em contexto diaspórico com esse objectivo, podem ser altamente relevantes também dentro do estado-nação, e mesmo que outras tenham menos relevância nesse processo, o encontro fornece um modelo útil sobre a pertença nacional. Seguir as controvérsias sobre a pertença diaspórica

ou nacional oferece mais do que uma compreensão detalhada dessas categorias particulares, mostra como a nação é uma entidade fragmentada e confirma que, mesmo dentro da nação-estado, a pertença nacional nunca é totalmente clara e sem ambiguidades. Significa que as controvérsias em torno da pertença nacional não se limitam às diásporas, mas a intensidade e as incompreensões das controvérsias *homeland-diaspora* colocam os seus encontros no lado estratégico da pesquisa para se estudar a pertença nacional e diaspórica.

Possibilidades conceptuais e teóricas da noção de lugar de origem

Alguns estudiosos avaliam que as ciências da migração ainda não desenvolveram ferramentas conceptuais adequadas ao tratamento da noção de lugar de origem no campo das ciências da migração (Mishra 1996), *apud* Lainer-Vos (2010). Abdelmalek Sayad é um dos principais autores a apontar para a fraqueza conceptual em torno das relações destino/origem (Sayad 1999) mas a sua crítica está assente na falta de atenção que, aponta, as ciências sociais destinam ao par emigrante/imigrante. O seu trabalho tem servido em grande parte, para apoiar os esforços de compreensão das estadias na imigração e nas sociedades de destino. Desde os anos 1970 o autor insiste na necessidade de considerar a questão do emigrado para compreender a condição do imigrante, um ser sempre paradoxal face à tendência de estabelecer – no lugar em que se encontra – os laços com tudo aquilo que evoca o lugar onde não se encontra (Sayad 1999).¹⁰ Para Sayad, não se pode abstrair da ligação que vincula os imigrantes ao território no qual foram socializados ou ignorar as trajectórias que terão vivido antes da sua instalação no país onde residem.¹¹ Neste sentido, o processo de integração na sociedade de residência seria o factor exclusivo para a manutenção de relações intensas com o país de origem (Loch e Barou 2012). No entanto, experiências migratórias como a de Cabo Verde – que tem registos de mobilidade desde os últimos anos do século XIX – mostram que a emigração permite somar tipos de capital material e simbólico, por conseguinte, trata-se de reconhecer e avaliar, com maior precisão, o *savoir-faire*, ou seja, o conhecimento acumulado e transmitido pelos agentes da mobilidade cabo-verdiana que resulta, por exemplo, naquilo que Tarrus (2001:45) designa como capacidade demonstrada de negociar melhor as entradas e estadias no exterior quando se alteram as condições para a imigração.

Em relação à realidade aqui trazida, verifica-se que a análise da experiência cabo-verdiana continua a apoiar-se no debate sobre a diáspora, tradicionalmente traçado entre os paradigmas das continuidades culturais¹², por um lado, e das criações culturais no contexto da discriminação e privação características das experiências das populações de emigrantes (Hoffman 2007) oriundas de um país pobre, por outro. No entanto, o estado das reflexões não permite concluir se se trata de propor descartar a noção de diáspora porque esta tem mostrado que pode abrir um espaço conceptual permitindo ultrapassar a sobreposição nação/

estado/sociedade; as diásporas situam-se no espaço “entre” (estado de destino nacionalizado, terra de origem nacional e a própria diáspora), ou seja, existem no espaço triádico e o encontro que ocorre nesse espaço traz importantes questões sobre soberania, dupla lealdade e cidadania. O conceito refere-se a comunidades colocadas em posição ambivalente e ambígua e as controvérsias em torno do potencial da diáspora em relação à pertença nacional e à evolução da era pós-nação trazem potencial analítico promissor.

Todavia, as ligações diáspora/origem intensificam-se e ampliam-se as influências recíprocas e as trocas tradicionais mantidas pelas comunidades imigradas com os seus lugares de origem. Neste quadro, as definições de diáspora não podem tomar como estável e fixo o aspecto da ligação com a origem, como alerta Piot (1999). Por exemplo, a expansão que a relação diaspórica cabo-verdiana produz na esfera ritual tem sido pouco abordada na óptica explorada por Trajano (2005) a propósito dos fluxos culturais e efeitos das práticas da diáspora nas sociabilidades locais. O autor reflecte, especificamente, sobre as dinâmicas pelas quais as remessas variadas que os emigrantes fazem para a instituição da cultura popular local voltada para o auxílio mútuo chamada de *tabanca*. Ao contrário deste autor¹³, constata-se a ausência de trabalhos que reflectem sobre a forma como a relação diaspórica cabo-verdiana permite manter o mito de origem e a partilha simbólica, adaptando os rituais e as práticas de origem e transmitindo essas mudanças sutis, transformando, assim, o original. Quer dizer que mesmo no campo restrito das relações diáspora/origem, têm sido deixadas de lado preocupações para com a forma como outros factores da vida social na origem re-situam a influência diaspórica ‘garantindo que a cópia preserve o original mais fielmente do que o próprio original’ (Piot 1999:167).

A fraqueza conceptual apontada à noção de lugar de origem, a par das críticas à dispersão do conceito de diáspora (Cohen 2005), reforça o interesse em explorar as possibilidades de definição desta noção de forma empiricamente pertinente, confrontando a noção com os conceitos utilizados no campo mais amplo dos trabalhos sobre migrações internacionais e as diásporas; analisando-se depois, a forma pela qual as práticas ligadas à migração no lugar de origem se inscrevem nas dinâmicas sociais cotidianas dos cabo-verdianos. Em primeiro lugar, os termos são problemáticos, pois implicam uma associação natural entre emigrantes e o lugar que escolheram deixar. A mudança consiste em tratar estes termos como um feito social ao invés de um estado natural e examinar como essas noções e experiências, são construídas por meio de actuações dos agentes sociais envolvidos em práticas como as constituem a ligação migratória actual.

Considerações Finais

O debate sobre a pertinência da conceituação em torno do lugar de origem ainda é incipiente no campo das ciências da migração que se referem à noção quando tratam da migração, transnacionalismo e diáspora. No entanto, alguns autores vêm

apontando criticamente para a fraqueza conceptual nesse domínio e esta discussão é pertinente aos estudos de experiências como a de Cabo Verde.

Estudos do género devem contribuir para a busca por uma base sociológica mais sólida que permita aprofundar sobre o estatuto do lugar de origem como objecto de análise. No caso de Cabo Verde, não apenas as ligações seculares com a migração são relevantes mas, do mesmo modo, as adesões dos indivíduos às ocorrências sociais, culturais e políticas no arquipélago devem ser consideradas nas análises das relações entre cá e lá.

Os argumentos teóricos estão a favor da análise da diáspora e da origem não como entidades delimitadas, mas como realizações práticas sempre em formação, como categorias da prática e algo a que as pessoas se referem, atribuem sentido e praticam. Deste modo, a leitura dos sistemas de relações e modos de integração observados em situação migratória mostrar-se-á rica à análise da sociedade cabo-verdiana contemporânea, ao interrogar a experiência dos cabo-verdianos entre as diversas alternativas de existência permitidas no arquipélago, por conseguinte, explorando para além do inescapável destino de viver para a migração.

Notas

1. O texto inclui reflexões realizadas no âmbito do projecto GNT 'Para além das remessas: a consolidação da sociedade cabo-verdiana da diáspora e as transformações socio-culturais e políticas em Cabo Verde', GNT_Lusophone/2011, CODESRIA, 2011-2012, ainda em curso. O GNT é constituído por: Iolanda Évora, Celeste Fortes, Clementina Furtado, Leão de Pina e Redy Lima.
2. FCT, Contrato-Programa Ciência 2008 (CONT_DOUT/103/CEsA/220/10826/1/2008).
3. Tema discutido em Évora (2010).
4. As experiências das migrações latino-americanas e caribenhas para os Estados Unidos da América (EUA) sustentam uma das mais importantes contribuições da pesquisa contemporânea das relações entre migrações, transnacionalismo e diáspora que tem explorado tanto o domínio das pesquisas empíricas como o da reflexão teórica. Os estudos sobre as experiências de migrantes de origem cubana, dominicana, haitiana, jamaicanas ou porto-riquenha, por exemplo, não apenas detêm-se no exame das origens históricas dos fluxos, os efeitos da longa relação dos EUA com esses países ou o relativo sucesso das comunidades étnicas que geraram. Actualmente, a atenção dirige-se para as dinâmicas no lugar de origem que se conectam directamente, com as acções no exterior, em particular, as que são protagonizadas pelos empresários que mantêm interesses comerciais, simultaneamente, no seio das comunidades na origem e no exterior (Portes, Haller e Guarnizo 2002).
5. Como notam Bhabha (1990) ou Hall (1990) nos países de destino, as diásporas trazem a promessa do multiculturalismo e a alteridade radical de certas diásporas actua como uma mudança forçando as sociedades de destino a rever as suas políticas e expectativas assimilacionistas.

6. Descreve-se o valor dos destinos da emigração num *continuum* em que os Estados Unidos da América representam a melhoria de vida em termos materiais e a garantia segura de apoio aos que ficam através do envio de fundos e bens. No sentido oposto, a migração para São Tomé e Príncipe, realizada no contexto da migração colonial forçada, representa o desterro e a migração pobre, que não foi bem-sucedida e traduzida, actualmente, em esforços oficiais, a partir de Cabo Verde, de ajuda aos emigrantes e descendentes naquele país (Évora 2010).
7. Por exemplo, tradicionalmente, os EUA são considerados destinos das pessoas das ilhas do Fogo e da Brava. Mais recentemente, porém, as comunidades de todas as ilhas elegem esse destino de emigração. Na história da migração cabo-verdiana, a Itália, é referida como destino privilegiado das mulheres (primeiro, da ilha de S. Nicolau) mas, actualmente, essa especificidade enfraquece face ao interesse a partir das ilhas de Barlavento como mesmo de Sotavento, com marcada presença de originais de Santiago (Évora 2003).
8. Os emigrantes participam nas eleições legislativas e presidenciais mas não nas eleições municipais.
9. E, deste modo, por exemplo, imprudentemente, na sua opinião, apoiar lutas de extremistas nacionais.
10. Vivendo em múltiplos universos, este indivíduo não cessa de redefinir o seu grau de pertença aos mesmos e está frequentemente muito presente intelectualmente e afectivamente no mundo do qual mantém-se fisicamente afastado, projectando-se no seu país de origem quando está no país de acolhimento e cultivando a nostalgia deste último quando retorna àquele.
11. Todavia, defende o autor, esse laço não precisa ser reactivado através das estadias mais ou menos regulares no país para que tenha um papel na percepção da sociedade de residência, no posicionamento do imigrado em relação a esta e para os projectos de futuro que alimenta (Sayad 1999). Por ser de natureza frequentemente ideal e não real, o laço entre os espaços de partida, de trânsito e de chegada não influenciam menos a relação “emigrante-imigrado” nas sociedades das quais participa.
12. Descritas, por exemplo, pelas noções de *caboverdianidade* e *morabeza*.
13. No mesmo sentido analisado por Hoffman (2007).

Referências

- Akesson, L., 2005, ‘The resilience of the Cape Verdean migration tradition’, *International Conference on Cape Verdean Migration and Diaspora*, Lisboa: ISCTE.
- Akesson, L., 2009 ‘Remittances and inequality in Cape Verde: the impact of changing family organization’, *Global Network*, 9,3, pp.381-398.
- Akyeampong, E., 2000, ‘Africans in the diaspora: The diaspora and Africa’, *African Affairs*, 99, pp.183-215.
- Anderson, B., 1998, *The Spectre of Comparisons: Nationalism, Southeast Asia and the World*, New York: Verso.
- Bakewell, O., 2008, ‘In Search of the Diasporas within Africa’, *African Diasporas*, vol.1, No. 1-2, pp.5-27.
- Bakewell, O. and Haas, H. de, 2007, ‘African Migrations: continuities, discontinuities and recent transformations’, in Chabal, P.; U. Engel, L.; de Haan., eds., *African Alternatives*, Leiden: Brill, pp.95-118.

- Barou, J., 2012, 'Les immigrés d'Afrique subsaharienne en Europe : une nouvelle diaspora?', *Revue européenne des migrations internationales*, 1, Vol. 28, pp.147-167.
- Bhabha, K. H., 1990, 'The Third Space: Interview with Homi Bhabha,' in Jonathan Rutherford, ed., *Identity: Community, Culture, Difference*, London: Lawrence and Wishart, pp.207-21.
- Bordes-Benayoun, C., 2012, 'La diaspora ou l'éthnique en mouvement', *Revue européenne des migrations internationales*, 1, Vol. 28, pp.13-31.
- Brubaker, R., 2005, 'The 'Diaspora' Diaspora', *Ethnic and Racial Studies*, 28(1), pp.1-19.
- Cohen, R., 2008, *Global Diasporas: an introduction*. London: UCL Press.
- Drotbohm, H., 2011, 'On the durability and the decomposition of citizenship: the social logics of forced return migration in Cape Verde', *Citizenship Studies*, 15:3-4, pp.381-396. <http://dx.doi.org/10.1080/13621025.2011.564790>, 28 de Julho de 2011.
- Évora, I., 2004/2005, 'Minha terra, minha gente: as atribuições sociais da emigrante em Cabo Verde', *Revista Imaginário*, X, 10, pp.115-134.
- Évora, I., 2007, 'Minha terra, minha gente': as atribuições sociais da emigrante em Cabo Verde', in Grassi, M., e Évora, I., orgs, *Género e Migrações cabo-verdianas*, Lisboa: ICS, pp.63-98.
- Évora, I., 2010, *Discourses on Cape Verdean diaspora: views from home* <http://www.academia.edu/985776/>, 23 de Abril 2013.
- Évora, I., 2012, 'Novas práticas no campo social da diáspora cabo-verdiana: as remessas e da mobilidade transnacional de *via múltipla*', *Revista Internacional em Língua Portuguesa*. Migrações. III série, No. 24, pp.113-127
- Carling, J., 2002, 'Migration in the age of involuntary immobility: theoretical reflections and Cape Verdean experiences', *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 28, No. 1, January, pp.5- 42.
- Gibau, G.S., 2008, 'Cape Verdean Diasporic Identity Formation', in L. Batalha e J. Carling, eds., *Transnational Archipelago. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*, Amsterdam: Amsterdam University Press, pp.255-267.
- Gilroy, P., 1993, *The Black Atlantic*, Cambridge: Harvard University Press.
- Clifford, J., 1997, *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge: Harvard University Press.
- Cohen, R., 1996, 'Diasporas and The Nation-State: From Victims to Challengers.' *International Affairs*, 72(3), pp.507-20.
- Cohen, R., 2005, 'New Roles for Diasporas in International Relations', *Diaspora*, 14(1), pp. 179-83.
- Hall, S., 1990, 'Cultural Identity and Diaspora.' in Jonathan Rutherford, ed, *Identity: Community, Culture, Difference*, London, Lawrence and Wishart, pp. 222-31.
- Hoffman, J., 2007, 'O papel da Independência, da Emigração e da Música Mundial no Estrelato Ascendente das Mulheres de Cabo Verde', in Grassi, M., e Évora, I., orgs., *Género e Migrações Cabo-Verdianas*, Lisboa: ICS, pp.217-233.
- Lainer-Vos, D., 2010, 'Using Diaspora-Homeland Relations to Study Nation-Building', *Sociology Compass*, 4/10, 894-908.
- Malheiros, J., 2001, *Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação*, Tese de doutoramento em Geografia defendida na Universidade de Lisboa (mimeografada).
- Loch, D. e Barou, 2012, J., 'Les migrants dans l'espace transnational : permanence et changement', *Revue Européenne des Migrations Internationale*, Vol.28, 1, pp. 7-12.

- URL:www.cairn.info/revue-europeenne-des-migrations-internationales-2012-1-page-7.htm. 22 de Abril de 2013.
- Meintel, D., 2002, 'Cape Verdean transnationalism, old and new', *Anthropologica*, 44(1), pp.25-42.
- Piot, C., 1999, *Remotely global: village modernity in West Africa*, Chicago and London: University of Chicago Press.
- Portes, A., Haller, W., Guarnizo, L.E., 2002, 'Transnational Entrepreneurs: An Alternative Form of Immigrant Economic Adaptation', *American Sociological Review*, Vol.67, nº2, april, pp.278-298.
- Reis, M., 2004, 'Theorizing Diaspora: Perspectives on "Classical" and "Contemporary" Diaspora', *International Migration*, vol.42(2): 41-60.
- Sayad, A., 1999, *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*, Paris : Éditions du Seuil.
- Schiller, N.G., 1997, 'The Situation of Transnational Studies', *Identities*, Vol. 4(2), 155-166.
- Schnapper, D., 2001, 'De L'Etat-nation au monde transnational', *Revue Européenne des Migrations Internationales*, (17) 2, pp.9-36.
- Schnapper, D. (2006) 'Les nations se sont longtemps méfiées des diasporas', *Sciences Humaines (dossier : Comment les diasporas changent le monde)*, 173, juillet, pp.44-45.
- Strauss, A.L., 1999, *Espelhos e Máscaras: a busca da identidade*, São Paulo: Edusp.
- Tarrius, A., 2001, 'Au-delà des États-nations: des sociétés de migrants', *Revue Européenne des Migrations Internationales*, (17) 2, pp.37-61.
- Tölöyan, K., 1996, 'Rethinking Diaspora(s): Stateless Power in the Transnational Moment.' *Diaspora* 5, pp.3-35.
- Trajano Filho, W., 2005 'A sociabilidade da diáspora: o retorno', *Série Antropologia*, Brasília, 380, pp.1-27.